

A imprensa como fonte na pesquisa sobre história das mulheres

The press as source in women's history research

Carla Bispo Azevedo¹

UERJ

RESUMO

A historiografia da Educação brasileira apresenta uma diversidade de fontes históricas, sendo a imprensa aqui, eleita como arquivo principal para análise. No presente artigo, a intenção é lançar luz sobre a imprensa como fonte na operação historiográfica em pesquisas na área de História da Educação, bem como traçar um breve panorama da história da imprensa no Brasil. Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica, ancorada nos pressupostos teóricos da história das mulheres no Brasil (SOHET&PEDRO, 2007) e da imprensa (MARTINS & LUCA, 2013; VIEIRA, 2007) na história da História da Educação. A abordagem apresentada neste trabalho permitiu a reflexão acerca das implicações pertinentes a operação historiográfica com a imprensa, bem como possibilitou a compreensão de que a imprensa traz inscrita em seus discursos elementos históricos que, proporcionam o entendimento dos debates ocorridos na sociedade, principalmente no tocante a história das mulheres.

Palavras-chave: Imprensa. Arquivo. História da Educação. História das mulheres.

ABSTRACT

The historiography of Brazilian Education presents a diversity of historical sources, and the press here is chosen as the main archive for analysis. In this article, the intention is to shed light on the press as a source in the historiographic operation in researches in the field of History of Education, as well as to outline a brief overview of the history of the press in Brazil. This is a documentary and bibliographic research, anchored in the theoretical assumptions of the history of women in Brazil (SOHET&PEDRO, 2007) and of the press (MARTINS & LUCA, 2013; VIEIRA, 2007) in the history of the History of Education. The approach presented in this work allowed reflection on the relevant implications of the historiographical operation with the press, as well as made it possible to understand that the press has historical elements inscribed in its discourses that provide an understanding of the debates that take place in society, especially with regard to history of women.

Keywords: Press. Archive. History of Education. History of women.

RESUMEN

La historiografía de la educación brasileña presenta una diversidad de fuentes históricas, y aquí se elige la prensa como archivo principal para el análisis. En este artículo, la intención es arrojar luz sobre la prensa como fuente en el funcionamiento historiográfico de las investigaciones en el campo de la Historia de la

¹ Doutoranda e Mestre em Educação pelo ProPEd-UERJ. E-mail: carlinha_fla@hotmail.com

Educación, así como esbozar una breve reseña de la historia de la prensa en Brasil. Se trata de una investigación documental y bibliográfica, anclada en los supuestos teóricos de la historia de la mujer en Brasil (SOHIET & PEDRO, 2007) y de la prensa (MARTINS & LUCA, 2013; VIEIRA, 2007) en la historia de la Historia de la Educación. El enfoque presentado en este trabajo permitió reflexionar sobre las implicaciones relevantes de la operación historiográfica con la prensa, así como también permitió comprender que la prensa tiene elementos históricos inscritos en sus discursos que brindan una comprensión de los debates que se desarrollan en la sociedad., especialmente en lo que respecta a la historia de la mujer.

Palabras clave: Prensa. Archivo. Historia de la educación. Historia de la mujer.

INTRODUÇÃO

O cenário historiográfico de crítica epistemológica à história tradicional, principalmente verificável a partir do movimento dos Annales², proporcionou mudanças nas acepções de documento histórico e de crítica documental. O movimento de pensar a história, nesta perspectiva, seria ocasionado por uma crise geral dos paradigmas, a partir de algumas críticas: inicialmente a história voltava-se para os aspectos econômicos, religiosos e políticos, tendo como fonte somente os documentos ditos oficiais. Cabia ao historiador transcrever e narrar o fato. Diante desse contexto, há mudanças na concepção daquilo que é fonte documental, com uma ampliação significativa da fonte de pesquisa histórica.

Diante da configuração dessa nova forma de se pensar a história, no século XX, ocorreu uma mudança significativa do historiador em relação ao passado. Nesse sentido, a noção de objetos, problemas e abordagens foi ampliada, possibilitando-se um tratamento interdisciplinar da história com ciências como a antropologia, a psicologia, a linguística, a arqueologia, a sociologia e a economia, entre outras áreas. Bem como o arquivo do historiador e o conceito de fontes históricas foram ampliados.

Considerando esse contexto, novas possibilidades de pesquisa são realizadas na história. A fonte histórica passou a ser a construção do historiador e de suas perspectivas, sem perder de vista a crítica documental. Nesta perspectiva, alguns temas ganham espaço no âmbito da pesquisa histórica, como a história das mulheres, das crianças, das mentalidades entre outras. E novos materiais de investigação são incorporados como fontes no fazer historiográfico, como exemplo pode-se citar tradições orais, publicações periódicas, biografias, autobiografias, iconografias.

Dentre as possibilidades de fontes, elenca-se a imprensa periódica como fonte principal para considerações acerca dos estudos da História da Educação. Visto que a imprensa configura-se como arquivo bem diversificado, com manifestação de diferentes perspectivas.

² A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. Para mais informações, consultar BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1992.

Nesse sentido, busca-se, em um primeiro momento, contextualizar o arquivo na História da Educação, apresentando conceitos e especificidades. Posteriormente, trata-se de alguns conceitos sobre a imprensa, salientando as perspectivas da operação historiográfica. Em sequência, apresentam-se exemplos de abordagens com a imprensa no referente à história das mulheres.

Arquivos na História da Educação

O incremento dos estudos em História da Educação no Brasil apresenta o desafio de refletir de forma permanente sobre o estatuto desse campo de conhecimento. Do entrecruzamento entre a dimensão empírica demarcada pela presença de diferentes arquivos e acervos na busca da redefinição do suporte documental, ou das novas formas de tratar historiograficamente temas diversos, alguns novos, outros revisitados, surge a necessidade de qualificar o historiador da educação como um intelectual que produz interpretações sobre a cultura e a sociedade que não são isentas de uma dimensão política. (OLIVEIRA, 2007)

Neste sentido, os arquivos configuram-se como um importante instrumento para o pesquisador. Seguindo nessa reflexão, Dóris Bittencourt Almeida (2021) destaca que o termo “arquivo” abrange diferentes perspectivas semânticas e pontua algumas definições a partir do dicionário Houaiss (2004): “é um conjunto de documentos manuscritos, gráficos, fotográficos produzidos, recebidos e acumulados por uma entidade pública ou privada, inicialmente como instrumento de trabalho e posteriormente conservados como prova ou evidência do passado”. A outra definição mencionada indica “um conjunto de documentos de uma instituição ou de uma pessoa”. Traz também a semântica do verbo “arquivar”, apontando para ação de “recolher e classificar em arquivo”, seguido de “guardar, fixar na memória”.

A autora ainda ressalta que as definições apresentadas trazem a complexidade do trabalho arquivístico, apontando diretrizes que indicam o que se guarda, onde se guarda e com que objetivos se guarda e quem guarda. Em relação ao conceito de tempo dos arquivos, situa-os como identificados com o passado, visto que lá se tecem significativas relações temporais: conservam-se materialidades de outrora, que são pensadas no presente, visando a perenidade. Desta forma, passado, presente e futuro estão urdidos nos arquivos, configurando camadas de tempo que se acumulam.

O “guardar”, configura-se como a essência da existência dos arquivos, bem como os mesmos buscam fomentar a pesquisa. Segundo Almeida (2021), “o que se guardou do vivido e se estende ao porvir como expectativa precisa ter algum significado no presente, sempre a ele mostrar os caminhos que orientam os gestos de guardar” (p. 21). Os gestos de guardar são de suma

importância para a produção historiográfica, pois, as fontes de pesquisa geralmente estão depositadas nos arquivos.

Cabe salientar que “a História se utiliza de documentos, transformados em fontes pelo olhar do historiador” (PINSKY & LUCA, 2009, p. 7). Desta forma, os tipos de documentos e os modos de indagá-los alteram-se de acordo com o objetivo da pesquisa e da perspectiva do historiador. A fonte é uma construção do pesquisador, um reconhecimento que se constitui em uma atribuição de sentido, sendo uma parte da operação historiográfica.

No tocante as pesquisas em História da Educação, os balanços críticos realizados tem apontado para a necessidade de ampliação do conceito de fonte histórica. O alargamento temático para os pensares, os saberes, as práticas, os processos, as pedagogias, os agentes, as instituições demandou investimento teórico de pesquisadores no intuito de ampliar o conceito de documento, bem como levantar, catalogar e disponibilizar esses acervos. Ainda nesta perspectiva, considera-se o debate sobre fontes como indício de uma pretensão de rever a concepção e as formas de produzir saber histórico. (VIEIRA, 2007, p. 12-13)

Nesta perspectiva, esse movimento de renovação implica a exploração de novos tipos de documentos, objetos e teorias, o que possibilita a emergência de pesquisas no âmbito da História Cultural, entre outras.

Contribuições da História Cultural

A Nova História Cultural surgiu na França, com a escola dos Annales (1929 – 1989), cujos líderes Lucien Febvre e Marc Bloch tinham como princípio dialogar com outras ciências, como a psicologia, a antropologia, a sociologia e a geografia. Essa nova dinâmica do campo da História possibilitou aos historiadores uma visão dos homens no tempo, e não uma visão política como acontecia até então. Esse movimento rompeu com a linearidade e a superficialidade que promovia uma padronização.

A história cultural pode ser pensada também como ruptura em relação à tendência positivista do século XIX, fortemente ligada ao movimento das elites, que pensava a História segundo critérios evolucionistas – e mesmo deterministas –, pela observação detalhada e metódica do cotidiano de uma época, de uma localidade, de um personagem, seu sistema de valores, suas crenças, suas atividades.

Ainda nesta perspectiva, pode-se inferir o conceito de história cultural, que se dedica às diferenças, debates e conflitos das tradições compartilhadas em culturas inteiras. De acordo com

Peter Burke (2004), a história cultural foi redescoberta nos anos 1970, desde então se verifica uma renovação, sobretudo no mundo acadêmico.

A vertente historiográfica com ênfase na história cultural investiga representações e imaginários, ou seja, representações do outro. Trata de sistemas imaginários e se relacionam com vários domínios das Ciências Humanas e Sociais como a Antropologia, a Sociologia e a Literatura. Como peculiaridade, apresenta a narrativa como forma de expressão, visto que havia uma sobrevalorização do que se pretendia científico nas disciplinas que tratavam do homem como objeto de pesquisa. Os documentos também são ressignificados, na medida em que não são considerados como reflexos do passado, mas como ações simbólicas com possibilidade de significados variados, dependendo do pesquisador e suas estratégias. Nesta perspectiva, a imprensa como fonte para pesquisas na área de história ganha espaço.

A imprensa situa-se no domínio de uma história material da circulação do impresso. Para a análise do material impresso, busca-se como referência as ideias de Roger Chartier (1990/ 2002), para quem as obras carregam em si marcas que nos permitem diversas possibilidades para a sua compreensão representada, basicamente, por meio de dois dispositivos distintos. Estes seriam as marcas de quem as produziu, as intencionalidades do autor e as expectativas de leituras possíveis. Também seriam as formas como foram organizadas, editadas, as formas de circulação e usos pelas quais as obras são circunscritas nas práticas culturais em sociedade. É precisamente na tensão entre as intenções do autor e as formas possíveis de leitura, mediadas pela materialidade das obras, que se situam as possibilidades de construção de sentido pelos leitores.

Imprensa como fonte

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir a transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado. Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. (MARTINS & LUCA, 2013, p.8)

Neste excerto é possível observar informações significativas sobre a imprensa, o início da mesma, que segundo a autora tem como data inicial o ano de 1808, ano da chegada da família Real Portuguesa no Brasil. E que o desenvolvimento da imprensa está intimamente relacionado com a

própria história do Brasil. Em relação à historiografia, destaca a imprensa como objeto e sujeito da história brasileira.

As autoras acrescentam ainda que não se pode dissociar a história da imprensa da trajetória política, econômica, social e cultural do país. Diante disso traçam a história da imprensa no Brasil a partir de três partes. A primeira retoma o período fundador e heroico da constituição da palavra impressa, em que coexistem escritos oficiais e manifestações de expressão nativa, espontâneas, com marcas de uma produção própria, olhar crítico e reivindicador de políticas autônomas em um território condicionado pela conjuntura colonial. (p.10)

Em seguida há a exposição da imprensa republicana, que carrega a ideia de Ordem e Progresso e é também marcada pelas conquistas técnicas do então “ novo século”. O Brasil apresentava pontos relevantes como o fim da escravidão, e ocupava lugar privilegiado na balança internacional como primeiro produtor de café do mundo, mas continuava oligarca, monocultor e analfabeto. O século XX se impôs com novidades trazidas para a criação da grande imprensa e a criação do parque gráfico. Diversas inovações: luz elétrica, telefone, cinematógrafo, bondes elétricos, automóvel, máquina de escrever, zepelins, além de estruturas de ferro pré-fabricadas resultaram em edificações de impacto na paisagem e maquinário gráfico agilizado, que otimizaram uma imprensa que se pretendia missionária na pregação de um Brasil civilizado. Houve também uma ampliação de títulos e os jornais diários conformavam a grande imprensa, a profissionalização do setor também se confirma. (p.10-11)

A terceira parte traz considerações dos anos 1950 aos nossos dias. Com o advento do rádio na década de 1920 e da inauguração da televisão em 1950, o veículo impresso manteve-se cumprindo seu papel de quarto poder, mobilizando decisivamente os destinos do país. Não sem agravantes, que determinaram escritos da imprensa que se traduziram em sangue, mortes e rupturas. Bem como trata o jogo de forças entre governos e jornais, as turbulências dos meios de comunicações controlados por ditaduras, seguidas de aberturas e experiências democráticas, as revistas se impõem como veículo potencializado, inclusive para prestação de serviços. Há também o enfoque na velocidade da informação em tempos de informática e globalização, na era da comunicação online. (p. 12-13)

No panorama apresentado é notório a diversidade conferida a imprensa e a sociedade em diferentes épocas. Tal diversidade se expressa na parte gráfica, nos diferentes suportes, na ideologia dos impressos, nos diferentes tempos históricos, perpassando censuras, ditadura e democracia. Cabe salientar que as considerações expostas trazem uma forma de narrar a história da imprensa, e que outros delineamentos são possíveis.

Devido à diversidade concernente a imprensa, para efeito de estudo, elenca-se os jornais diários. Essa fonte se enquadra na categoria dos impressos produzidos pela chamada grande imprensa. A sua exploração, no âmbito da cultura historiográfica brasileira não é recente, pois, em 1908, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) organizou uma série de pesquisas e de publicações para a comemoração do primeiro centenário da imprensa no Brasil. Na historiografia acadêmica da segunda metade do século passado, esse interesse permaneceu e cada vez mais, e a procura por esse documento se afirma entre os historiadores. (VIEIRA, 2007, p. 13)

Dessa forma, faz-se necessário destacar que a mudança na forma de pensar e perceber o discurso da imprensa como objeto para o estudo da história e a utilização desta como fonte, se potencializou a partir dos questionamentos veiculados pelo movimento da Escola dos Annales ou posteriormente a chamada Nova História, quando ressurgiu o interesse por novas fontes de pesquisa.

A crescente utilização da imprensa como fonte pode ser associada também ao fato de ser um documento que fornece ampla perspectiva da sociedade e dos seus problemas. Conforme afirma Vieira (2007, p.13), “são incomensuráveis as possibilidades de reconhecimento e de problematização do passado por meio das páginas da imprensa.”

Os pesquisadores devem levar em consideração que os impressos também selecionam, ordenam, estruturam o acontecido, os fatos. Estrategicamente, narram aquilo que passou, selecionando interesses, atuando num jogo desequilibrado de forças. Forjam, legitimam e retificam valores, ideias, projetos, mobilizam discursos na produção de verdades. Operam na eleição dos fatos que chegam ao público, e na forma como os mesmos devem ser recebidos. (LIMEIRA, 2012, p.3)

O aspecto da materialidade desse tipo de fonte deve estar no horizonte do historiador, visto que os impressos configuram-se como objetos culturais. Limeira (2012, p. 5) sinaliza que os impressos devem ser analisados com a prescrição do modelo de investigação dos objetos culturais, “o qual procura apanhá-los na sua produção, forma, circulação, frequência, dispositivo e apropriação, tornando-os assim, inseparáveis das formas que o faziam circular.”

O percurso metodológico permite observar a linha editorial do material impresso, suas formas de inserção no universo cultural da época em que circulou, e, ao mesmo tempo, aspectos relacionados ao público a quem pretendia destinar-se. Assim, estas análises em conjunto fazem aproximar o pesquisador do objeto no seu próprio lugar de circulação, dimensionando sua singularidade. (LIMEIRA, 2012, p.5)

Cabe salientar que o uso dos periódicos na historiografia deve vir acompanhado de uma problematização sobre essa fonte de pesquisa, buscando entender o contexto de sua produção, a influência que exerce no contexto, seus interesses e a atuação junto ao público leitor, para o qual o periódico se direciona. Ou seja, a operação historiográfica deve ser realizada com rigor teórico e metodológico.

História das mulheres e imprensa

Considerar a imprensa como fonte para a pesquisa em História da Educação permite muitas possibilidades de análises, devido a sua estrutura midiática de significativo impacto e diversificada ação política e cultural. Mas, para o horizonte desta pesquisa, busca-se uma perspectiva educativa no âmbito da história das mulheres.

Segundo Soihet e Pedro (2007, p. 285), o desenvolvimento de novos campos tais como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino. Deste modo, as transformações na historiografia, articuladas ao feminismo, em fins da década de 1960, tiveram papel importante no processo em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história, marcando a emergência da história das mulheres.

Essa nova forma de pensar a história, pode ser considerada como um campo unívoco do fazer historiográfico, a sua tendência à valorização da ideia de dado, no lugar de fato, a desconsideração da história acontecimental, a necessidade de inscrever o conjunto de dados trabalhados em diferentes durações, e talvez, a eleição de um universo que contemple personagens e sujeitos anônimos, fragmentados, no lugar das grandes personagens. (GONÇALVES, 2006, p. 61)

O estudo da história das mulheres é um campo historiográfico que vem se constituindo e crescendo e permite profícuas possibilidades de análise. Alguns historiadores têm se debruçado sobre o tema e têm contribuído com o campo historiográfico com enfoques bem interessantes. O que pode ser verificado, por exemplo, no estudo *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero* de Rachel Soihet e Joana Maria Pedro (2007)³. Neste texto, as autoras enumeram alguns artigos que dizem respeito à história das mulheres, focalizando as obras a partir da década de 1980. Indicam também que este campo apresenta categorias como mulher, mulheres e relações de gênero e chaves que possibilitam discussões, apropriações e disputas.

³ SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 281-300, 2007.

Ainda nesse contexto, as autoras do artigo supracitado destacam que os historiadores sociais supuseram as mulheres com perspectivas diferenciadas: como uma categoria homogênea, caracterizando pessoas biologicamente femininas que se moviam em papéis e contextos diferentes, mas cuja essência não se alterava. E segundo a chave da pluralidade, levando-se em conta questões sociais, de temporalidade, raciais, étnicas, culturais e de cunho político. Desta forma, há, em linhas gerais, uma tendência que acredita na possível identidade única entre as mulheres e outra, que projeta a existência de múltiplas identidades. Já a categoria mulher constitui-se numa perspectiva diferenciada da de homem, e os estudos de gênero fazem menção à distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres humanos, indicando que as distinções baseadas no sexo são construídas social e culturalmente, descartando a naturalização das diferenças.

A expansão de estudos sobre história das mulheres pode ser expresso também na publicação da Revista Brasileira de História de 1989, intitulada *A mulher e o Espaço Público*, que contava com treze artigos versando sobre diferentes perspectivas sobre as mulheres no espaço público⁴.

Pesquisas com o tema história das mulheres estão presentes também em anais de congressos e em revistas de pesquisas, com ênfase no âmbito da História da Educação.

Mary Del Priori⁵ também contribui com este campo com a obra *História das mulheres no Brasil* (2008), no qual alguns autores expõem temas variados, ressaltando a perspectiva da mulher em distintos espaços e períodos históricos. Em alguns destes estudos, é possível inferir a pouca notoriedade a uma manifestação mais expressiva da mulher, principalmente verificada no tocante a sua capacidade intelectual.

A imprensa, a literatura e a correspondência são meios através dos quais as mulheres foram conquistando o espaço público, visto que, utilizaram a escrita como forma de transpor os limites

⁴ Artigos: Práticas da memória feminina, Michelle Perrot; Pária: uma metáfora da exclusão das mulheres, Eleni Varikas; Emma Goldman - Revolução e desencanto: do público ao privado, Elizabeth Souza-Lobo; Os índios do Brasil elegante e a professora Leolinda Daltro, Marisa Corrêa; "La Donna di Garbo". Pintoras e mulheres de letras entre os séculos XVIII e XIX, Luiz Marques; Além da indústria Têxtil: o trabalho feminino em atividades "masculinas", Esmeralda Blanco B. de Moura; Além da indústria Têxtil: o trabalho feminino em atividades "masculinas", Esmeralda Blanco B. de Moura; Solteironas de fino trato: reflexões em torno do (não) casamento entre pequeno-burguesas no início do século, Cláudia Fonseca; Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX, Maria Clementina Pereira Cunha; Nos bastidores da imigração: o tráfico das escravas brancas, Margareth Rago; Crimes passionais: a campanha contra os assassinatos de mulheres no Brasil: 1910-1940, Susan K. Besse; Mulheres ousadas e apaixonadas - uma investigação em processos criminais cariocas (1890-1930), Raquel Soihet; Cenas de amor - Histórias de nacionais e imigrantes, Gladys Sabina Ribeiro e Martha de Abreu Esteves; Imagens femininas em romances naturalistas brasileiros (1881-1903), Magali G. Engel.

⁵ PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

do espaço doméstico impostos a elas, e adentraram o universo das letras via jornais, revistas e a publicação de livros.

Como exemplo tem-se a pesquisa em desenvolvimento que utiliza como fonte a imprensa periódica na operação historiográfica no âmbito da história das mulheres. O estudo destaca o periódico *Revista da Semana* e algumas de suas publicações concernentes a visibilidade das mulheres na sociedade.

A *Revista da Semana* foi fundada em 20 de maio de 1900 e circulou até o dia 3 de janeiro de 1959. Em seu número inaugural se auto representa como um periódico feito para o povo, desde as ínfimas às mais altas camadas sociais. Entre outras características, conforme se destaca o endereçamento “a todos”, no excerto que segue.

A Revista da Semana empenhar-se há somente em fornecer a todos ilustrações e artigos interessantes. De tudo quanto se passar durante a semana e que mereça atenção procurará dar, em excelentes gravuras copiadas de photographias, o que deva excitar a curiosidade pública. Quando o caso assim exigir, juntar-se há a isso o texto necessário para a boa compreensão dos factos, embora, em regra, nos empenhemos em multiplicar de tal modo as estampas, escolhendo-as tão bem que dispensem comentários. Onde houver o que agrade ou impressione os espíritos curiosos, haverá um operador da Revista, photographando-o, para incluí-lo nas paginas della. (Revista da Semana, 20 de maio de 1900.)

O impresso teve um longo período de duração, com publicações semanais. Trazia assuntos variados como política, entretenimento, eventos sociais. Notícias nacionais e internacionais. Entre as publicações eram recorrentes pautas relacionadas às mulheres, como os exemplos que seguem:

Figura 1: Notícias sobre o Congresso Feminista

Congresso feminista

Encerra-se o Congresso Feminista, em cujo decurso foram discutidas as mais variadas theses, em defeza da emancipação economica e social da mulher.

E' cedo ainda para serem apurados os seus resultados praticos. Mas seria injustiça não consignar o brillantismo de que se revestiu em todas as partes do seu programma. As feministas podem estar contentes pela sua indiscutivel victoria. Victoria, sobretudo, de oratoria e eloquencia, indispensaveis em todos os Congressos.

Mas quem poderá vencer a mulher no uso e abuso da palavra?



Paiestra previa á imprensa feita pelo dr. Salles Filho, director do Departamento Officjal de Publicidade e que se vê cercado de jornalistas, tendo á sua direita o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa.



Grupo de convidados ao almoço offeredo pelo dr. Nicolas Novoa Valdez, embaixador do Chile, a que nos referimos detalhadamente no Noticiário Elegante. Vemos no centro o embaixador do Chile, que tem á sua direita o nuncio apostolico, dr. Henrique José de Sales e commandante Brito Cunha, chefe do gabinete do sr. ministro da Marinha, e á sua esquerda os srs. Mora y Arango, embaixador da Argentina; dr. Alfonso Reyes, embaixador do Mexico; commandante Goulart, ex-aldido naval do Chile, e ministro Cavalcanti de Lacerda, notando-se em pé varias outras pessoas graúdas.



Sessão de encerramento do II Congresso Internacional Feminista. Vê-se, pronunciando o discurso allusivo á cerimonia, o dr. Augusto de Lima.

(Fonte: *Revista da Semana*, 11 de julho de 1931, p.27)

A reportagem trata do II Congresso Internacional feminista, promovido pela Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, e apresenta fotos da seção encerramento. Nota-se destaque, com elogios, à capacidade de oratória e eloquência das mulheres, bem como as teses apresentadas durante o mesmo, com enfoque na emancipação econômica e social da mulher.

Na sequência observa-se outra reportagem:

Figura 2: Reportagem “A victoria do feminismo”

Revista da Semana

27 de Junho de 1931

A VICTORIA DO FEMINISMO

por MARIA EUGENIA CELSO

Se ainda não é uma victoria oficialmente reconhecida, faltando-lhe ainda a suprema consagração do direito ao voto, o feminismo já se pode considerar, mesmo entre nós, como vencedor de facto. A independência economica da Mulher, subtrahindo ao parasitismo da vida exclusivamente familiar consideravel parte da mocidade feminina de nossa terra, fez de uma infinidade de mulheres, sem que ellas talvez tenham tida consciencia disto, feministas militantes—as feministas a rué o trabalho remunerado, a despeito dellas mesmas, victoriosamente emenci-pou. Se não teve entre nós o estardalhaço combativo de outras nações, a evolução feminista nem por isto deixou de se fazer sem luta. Luta contra preconceitos vencidos, luta contra columnias desprezadas, luta contra hostilidades abrandadas, luta contra a incompreensão esclarecida, luta contra a agressividade escarnejada do outro sexo e luta insano, luta pertinaz, luta a cada instante repetida, a luta maxima contra a indiferença desinteressada das proprias mulheres.

Esta luta acha-se, até hoje, ainda longe do seu termo. Embora a priori perfeitamente inacreditavel, em meio do pro-

gresso material e intellectual da época e do adiantamento das modernas ideias, é de pasmar a obstinação de certas pre-venções que se diriam verdadeiramente inarragáveis. Assim a especie de má vontade, entre zombeteira e suspetosa, com que é geralmente acollida a palavra feminismo. Basta pronunciar-se para que se erigem de instinctiva desconfiança eu de desdenhoso pouco caso, patentecendo a mór parte das vezes a mais completa ignorancia do assumpto. O feminismo, entretanto, já não pode assustar ninguém. Ninguém mais de bom senso e de mediana cultura imaginaria uma virago

as energias feminis, se não de facto, pelo menos em representação ou pensamento, as mulheres todas do Brasil. E não só as mulheres.

Os homens tambem. Todos os homens aos quaes o evoluer do movimento feminista brasileiro possa demonstrar que o feminismo, bem comprehendido e bem praticado, nada tem de masculinizador nem de subversivo, nem de hostil ao sexo forte.

Já um sociologo o disse: o feminismo representa, no mundo moderno, o mais admiravel esforço colectivo de emancipação de todos os tempos.

Conscientes das suas responsabilidades como educadoras, como companheiras, como conselheiras, as feministas a nada mais aspiram do que á justa egualdade

A sra. Bertha Lutz, levando o feminismo pelos ares...

encadeada em furores homicidas, nem sequer uma *suffragette* barulhenta e ridicula, a mulher que, acordada á consciencia da sua responsabilidade e do seu valor, tenha a coragem de se declarar abertamente feminista.

O feminismo, entretanto, não só respeitado como adoptado pelos paizes mais adiantados do mundo, já fez o seu acci-

oportuno metter-se em cousas fóra de trabalho domestico e secção de modas. Tinham medo que fosse demasade politico. Medo maior ainda de que pudessem ser contra a religião.

O Congresso Feminista, no entanto, nada tem nos seus principios nem no seu regulamento que de anti-religioso se possa cognominar. Pelo contrario, em quasi todas as suas secções apresenta um alto cunho de espiri-tualidade e de elevação moralizadora.

Assim a secção de *Protecção da Mãe e da Infancia*, a da *Mulher no Lar*, comprehendendo o papel da dona de casa moderna e a acção entre todas relevante da mãe de familia, as maternidades, as instituições de amparo ás creanças, creches, jardins da infancia, copo de leite etc.

A secção do *Trabalho Feminino* e das questões sociaes onde será debatida a interferencia cada vez mais preponderante da mulher no combate á lepra, á tuberculose, alcoolismo, trafico das brancas, problema da mendicância e outras obras de assistencia, em que dia a dia se torna mais premente a necessidade de sua quotidiana cooperação.

Ha ainda — fazendo calar pela simples suggestão do seu titulo todos os argumentos contrarios ao feminismo — a *Secção da Paz Universal*, na qual se estudará as possibilidades da influencia feminina conciliatoria, no sentido de alufentar para sempre do mundo apaziguado o espectro da guerra assassina. A questão politica será, naturalmente, discutida perquanto não pode mais ser permittida a mulher esclarecida de nosso tempo conservar-se alheia á elaboração, interpretação e applicação de leis a que ella, tanto quanto os homens, tem de sujeitar-se e prestar obediencia.

Como se vê, todos os ramos da actividade feminina, todos os seus grandes interesses de espirito e de sentimento se acham reunidos nas varias modalidades destas secções. Não ha mulher nenhuma, por menos feminista, que em algumas dellas não encontre uma oportunidade de momentaneo interesse.

O Congresso Feminista, tendo á testa essa batalhadora ardorosa que é a nossa *leader* Bertha Lutz, deve portanto reunir num congraçamento fraternal de todas

Sra. Elna Munch, deputada na Dinamarca, *leader* do Partido Radical.

de condições num trabalho de proveitosa collaboração.

O seculo já não comporta escravas nem rainhas. Queremos ser sin p'amente collegas.

E ha de ser sempre esta a victoria maior do feminismo.

Junho, 18

Maria Eugenia Celso

Huda Charazoni pacha, presidenta da Associação Feminista egypcia.

:Revista da Semana, 27 de junho de 1931, p.20)

Neste artigo, são apresentadas algumas considerações sobre o feminismo. De uma forma crítica, aponta as circunstâncias em que está inserido o feminismo à época, a partir de considerações relevantes, como a conquista da independência econômica da mulher em oposição ao que chamou de “parasitismo” da vida exclusivamente familiar; a vitória que não veio sem lutas; a indiferença

desinteressada das próprias mulheres, o significado da palavra feminismo e a importância de um trabalho de colaboração entre homens e mulheres. Desta forma, alguns trechos serão destacados.

As feministas a que o trabalho remunerado, a despeito delas mesmas, victoriosamente, emancipou. Se não teve entre nos o estardalhaço combativo de outras nações, a evolução feminista nem por isso deixou de se fazer sem luta. Luta contra preconceitos vencidos, luta contra calúnias desprezadas, luta contra hostilidades abrandadas, luta contra a incompreensão esclarecida, luta contra a agressividade escarninha do outro sexo e luta insana, luta pertinaz, luta a cada instante repetida, a luta máxima contra a indiferença desinteressada das próprias mulheres. (...) Todos os homens aos quaes todo o envolver do movimento feminista brasileiro possa demonstrar que o feminismo, bem compreendido e bem praticado, nada tem de masculinizador nem de subversivo, nem de hostil ao sexo forte. Conscientes das suas responsabilidades como educadoras, como companheiras, como conselheiras, as feministas a nada mais aspiram do que a justa igualdade de condições num trabalho de proveitosa colaboração. (*Revista da Semana*, 27 de junho de 1931, p.8)

Considerações finais

A partir das reflexões desenvolvidas ao longo do artigo, é possível perceber as contribuições do movimento dos Annales no referente à ampliação de possibilidades para as pesquisas em História. Diante disso, foram expostas diferentes considerações sobre o arquivo na História da Educação. Neste contexto, a amplitude de fontes, objetos e operação historiográfica foram possíveis, o que possibilitou a emergência de campos como a história cultural e a história das mulheres.

A imprensa se configura também como fonte importante na pesquisa acadêmica. E como é recorrente entre os historiadores a utilização dos periódicos na pesquisa, faz-se necessário embasamento teórico e metodológico por parte dos pesquisadores, considerando pontos de especificidades do material impresso. Portanto, nesse artigo buscou-se demonstrar algumas questões concernentes ao uso do periódico na pesquisa histórica, visando uma abordagem mais complexa sobre essa fonte.

O panorama da história da imprensa no Brasil propiciou uma aproximação entre o desenvolvimento da mesma com o próprio desenvolvimento da sociedade brasileira. No horizonte dos impressos periódicos é possível vislumbrar temas como educação, política, economia e cultura, temas que estão intrinsecamente relacionados com a vida em sociedade. Desta forma, a imprensa exerce papel importante para discussões desses temas, possibilitando leituras, apropriações e usos em diferentes perspectivas.

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo:** entre arquivos e experiências na pesquisa em História da Educação. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2021.

BURKER, Peter. Os fundadores: Lucien Febvre e Marc Bloc. In: **A escola dos Annales (1929-1989):** a revolução francesa da historiografia. 3ª edição. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKER, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** *entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMEIRA, Aline de Moraes. **Impressos:** veículos de publicidades, fontes para História da Educação. Cadernos de História da Educação – v. 11, n. 2 – jul./dez. 2012.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. (org). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo, Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação.** Belo Horizonte: Autência, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2009.

PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008

Revista da Semana, 20 de maio de 1900.

Revista da Semana, 27 de junho de 1931.

Revista da Semana, 11 de julho de 1931

SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História,** v. 27, p. 281-300, 2007.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação.** Belo Horizonte: Autência, 2007. P.11-40.

Submetido em: 03 de set de 2021.

Aprovado em: 01 de out de 2021.

Publicado em: 31 de dez de 2021.